

Elo da Transição

SOB o peso de um instante que não pedi e não desejei — com estas palavras o Presidente José Sarney invocou o testemunho de Deus e se apresentou à Nação na qualidade de sucessor do Presidente Tancredo Neves, a quem vinha substituindo desde o dia 15 de março, para “enfrentar a fatalidade desta hora”.

A Nação viveu, em depressão emocional, por mais de um mês, a fatalidade a que foi arrastada depois de ter conhecido, no dia 15 de janeiro, o apogeu da confiança democrática. O saldo da memorável campanha pela eleição direta se transferiu para a sucessão presidencial, e armou toda a esperança que soprou a vitória na eleição indireta.

Participante e testemunha, a Nação acompanhou a lenta agonia do Presidente e, declarado morto, ouviu do seu sucessor a pronta reafirmação do compromisso de honrá-lo como testamenteiro de sua vontade de servir: “Serei maior do que eu mesmo nesse desafio que a História me entregou”.

Notificados da morte que encerrou os sofrimentos do Presidente, os brasileiros ficaram à espera de que o seu sucessor lhes falasse, não mais como o substituto transitório, mas como o sucessor definitivo. No revezamento das responsabilidades, o Presidente José Sarney se apresentou imediatamente aos brasileiros para o exercício do dever constitucional de cumprir o mandato da Aliança Democrática.

As expectativas cívicas mantidas sob o forte sentimento constitucional que sustenta a Nação absorveram as palavras com que o Presidente José Sarney, sob o peso da responsabilidade e o sentimento da humildade, se apresentou como responsável “pela visão histórica da Pátria”.

Pela madrugada, o Presidente José Sarney tomou em suas mãos, tendo a Nação como testemunha, as responsabilidades do cargo “pelo Estado, pela Nação e pela visão histórica da Pátria”. Como companheiro do Presidente morto na jornada eleitoral, o sucessor apreendeu todos os dias da campanha o sentido democrático da obra que se consubstanciou no projeto da Nova República.

“Preciso ser ajudado por todos e a todos peço ajuda”: para merecer a ajuda que teve a humildade de pedir à Nação, comprometeu-se o Presidente José Sarney a ser discípulo “no exercício do diálogo e da conciliação” e assim realizar os objetivos de Tancredo Neves: concórdia, mudanças, trabalho, moralidade e austeridade.

Confirmou o sucessor todos os compromissos de Tancredo Neves feitos em praça pública e reafirmados em todas as oportunidades depois de

eleito: o mesmo programa acionará o Governo, o mesmo Governo concebido pelo Presidente morto para realizar diretrizes que — estas sim — farão deste País uma democracia.

O documento original da chapa Tancredo Neves-José Sarney é o compromisso sobre o qual se ergue a aspiração da Nova República: a Aliança Democrática, que somou as forças e os votos do PMDB e da dissidência do PDS, através dos “homens que quebraram as amarras”. Não se trata, no entanto, de um pacto restrito aos que o subscreveram como pedra fundamental da campanha, mas de um compromisso aberto à disposição patriótica de todas as correntes políticas.

O combate “sem tréguas à inflação”, a colaboração da iniciativa privada — “criativa e competitiva” —, a garantia de segurança contra a violência presente à vida diária da população compõem todo um programa de emergência. E, referência política definitiva, a convocação da Assembléia Nacional Constituinte a ser eleita em 86 — “o objetivo maior”.

Encerradas as homenagens fúnebres a Tancredo Neves, o Brasil tomará em suas mãos o seu destino político com o Presidente José Sarney não mais como o substituto, mas como o sucessor do compromisso democrático. Não há, portanto, tempo para vacilações que impliquem perda de tempo. As formalidades do poder estão cumpridas. Os passos seguintes terão que ser dados com a mesma esperança e a mesma certeza: as eleições diretas dos prefeitos das capitais este ano e a iniciativa de remover com urgência o entulho autoritário que impede a sociedade de encontrar o seu indispensável pluralismo político.

As pesquisas de opinião pública mostram que os cidadãos estão plenamente capacitados a transferir para o sucessor a esperança e a colaboração que deles esperava o Presidente Tancredo Neves. A suspensão das greves, em homenagem e respeito ao morto, atesta o grau de consciência que move o Brasil na direção das grandes responsabilidades. Multiplicam-se os gestos capazes de comprovar que o consenso, longe de desfazer-se com a morte do Presidente Tancredo Neves, mostra-se à disposição do Presidente José Sarney.

A Nação oferece a moldura para que o Presidente José Sarney se apresente como o elo na continuidade da democracia: dos seus atos e da sua postura é que se fará o retrato do estadista que a fatalidade levou ao exercício do poder no momento culminante da grande transformação.